

Agroecologia em movimento

■ Comunidade
Agroextrativista Pirocaba,
em Abaetetuba (PA)



Esta edição especial do jornal da organização não governamental FASE Programa Amazônia é dedicada ao IX Congresso Brasileiro de Agroecologia, que ocorrerá de 28 de setembro a 1 de outubro de 2015 no Hangar - Centro de Convenções e Feiras, em Belém-PA.

É a primeira vez que o CBA se realiza na Amazônia, o que confere ainda mais importância para a luta por melhores condições de vida e produção na região e em todo país.

A Amazônia, marcada por grande diversidade ecológica, histórica, cultural, social, econômica e política, é ainda espaço de disputas que podem definir e até redesenhar o futuro do Brasil.

O avanço das monoculturas de grande escala, que põe em risco a sustentabilidade e a vida das populações tradicionais, é uma dessas disputas.

A presente edição do ALDEIA somente foi possível graças à contribuição do Comitê Executivo do IX CBA, responsável pelos artigos aqui publicados. Nossos sinceros agradecimentos.

Por fim, ressaltamos a sensibilidade dos(as) organizadores(as) do CBA, que tornaram o evento um espaço importante de diálogo entre a academia, os movimentos sociais e as ONGs. Temos certeza que isto gerará bons frutos num futuro muito próximo.

Boa leitura.

NESTA EDIÇÃO

Sistemas de base ecológica levam à justiça social

Princípios ecológicos com manejo dinâmico da biodiversidade, reciclagem de nutrientes, construção da vida do solo e conservação da energia em diversas escalas são a base da agroecologia, que se preocupa com que esses agroecossistemas sejam produtivos e conservadores dos recursos naturais além de culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis. Saiba mais nesta edição.

>Página 2.



O diálogo é um dos pilares da agroecologia

A experiência da construção do conhecimento em agroecologia já soma quase uma década de história. É no diálogo - uma das características mais marcantes desse sistema - que reside a possibilidade de resistência e sucesso da agroecologia.

>Página 5.





■ Comunidade Quilombola Laranjituba, em Abaetetuba (PA)

A agroecologia é transformadora

DIMENSÕES, ESCALAS E PROCESSOS DE TRANSIÇÃO DA AGROECOLOGIA PRESENTES NO IX CBA

Agroecologia não representa apenas um conjunto de práticas e tecnologias voltadas à produção agrícola sustentável. Baseia-se também em princípios ecológicos que abrangem o manejo dinâmico da biodiversidade, a reciclagem de nutrientes, a construção da vida do solo e a conservação da energia em diversas escalas, o que leva à redução significativa no uso de insumos produzidos pela indústria agroquímica. Além de considerar esses princípios ecológicos para estudar, planejar e manejar agroecossistemas, a agroecologia se preocupa com que esses agroecossistemas sejam ao mesmo tempo produtivos e conservadores dos recursos naturais além de culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis (SOCLA, 2014).

Em sua prática, a agroecologia exibe um conjunto de dimensões que lhe conferem um caráter diferenciado quan-

to ao seu potencial transformador (Sevilla Gozman, 2013). As principais dimensões da agroecologia são: i) ecológica, técnico-produtiva, que busca o manejo sustentável dos recursos naturais e se concentra no processo produtivo; ii) socioeconômica e cultural, centrada no processo de circulação, se inicia com acordos entre produtores e consumidores na criação de mercados alternativos e foca no desenvolvimento endógeno a partir da agricultura participativa; e iii) política, que busca desenvolver estratégias transformadoras e, para tal, incorpora a perspectiva histórica e a identidade local, mas também tem papel transformador em outras escalas e, conforme foi enfatizado na declaração do Fórum Internacional de Agroecologia 2015 (Via Campesina, 2015), a dimensão política da agroecologia tem o desafio de transformar estruturas de poder na sociedade, se voltando a garantir o controle de semen-

tes, terra e territórios, águas, conhecimento, cultura e bens comuns nas mãos das pessoas que alimentam o mundo.

As dimensões da agroecologia se expressam de forma integrada, complementar, em diversas escalas de intervenção (Sevilla Guzmán 2013): i) estabelecimento agrícola; ii) comunidade local; iii) sociedade.

A adoção de práticas técnico-produtivas e/ou organizacionais visando alinhar a produção agrícola aos preceitos da agroecologia se dá através de processos de transição agroecológica que podem ser voltados à fase produtiva (redução no uso ou substituição de insumos externos à unidade de produção, rearranjos de componentes em sistemas) e de circulação da produção (interação entre o segmento produtor e o consumidor) e via processos de transição social agroecológica.

A ampla programação de atividades e apresentações (orais e em pôsteres), prevista para

os distintos momentos e temas abordados no IX Congresso Brasileiro de Agroecologia (IX CBA), que ocorrerá de 28 de setembro a 1 de novembro em Belém, oferece um amplo leque de exemplos das diferentes dimensões, escalas de intervenção e processos de transição da agroecologia com as matizes peculiares às diversas regiões e biomas brasileiros.

Por exemplo, o tema “Sistemas de Produção Agroecológica” concentra a maioria dos trabalhos que tratam de aspectos relacionados à dimensão ecológica, técnico-produtiva, enquanto que aspectos relacionados às dimensões social, cultural e política estão mais representados nos temas “Sociobiodiversidade e Território”, “Estratégias de Desenvolvimento Socioeconômico”, “Gênero e Agroecologia” e “Políticas Públicas”, enquanto que temas como “Construção do conhecimento”, “Saúde” e “Consumo e Biodiversidade e Bens Comuns”

tendem a integrar aspectos de diversas dimensões.

O IX CBA será uma excelente oportunidade de compreender a magnitude e a diversidade das experiências agroecológicas vigentes e refletir as vantagens de sua adoção.

Referências

- SEVILLA GUZMÁN, E. 2013. El despliegue de la sociología agraria hacia la Agroecología. Cuaderno Interdisciplinar de Desarrollo Sostenible, v. 10, Fundación Cajamar, p. 85-109. abr. 2013. www.cuides.com <<http://www.cuides.com>
- SOCLA 2014 <https://socla.co/wp-content/uploads/2014/socla-contribution-to-FAO.pdf> VIA CAMPESINA 2015 <http://viacampesina.org/es/index.php/temas-principales-mainmenu-27/agricultura-campesina-sostenible-mainmenu-42/2354-declaracion-del-foro-internacional-de-agroecologia>

REALIZAÇÃO



APOIO

HEINRICH BÖLL STIFTUNG
The Green Political Foundation

act:onaid



FASTENOPFER

ASW



FASE: Rua Bernal do Couto, 1329. Umarizal. CEP 66.055-080. Telefone: (91) 4005-3773. Fax: (91) 4005-3750. E-mail: amazonia@fase-pa.org.br. Site: www.fase.org.br.
As fotos desta edição são de Geysela Santa Brígida. Colaboraram nesse número: Leonardo Melgarejo, Irene Cardoso, William Santos de Assis, Luiz Mauro Santos Silva, Romier Sousa, Tatiana Sá, Idemê Amaral e Henderson Nobre.

Ingredientes para alimentos **limpos**

Vivemos momentos de mudanças significativas no cenário mundial, em especial nas formas de se relacionar com a natureza. Nesses momentos de crise, voltam sempre questões como as formas de relações estabelecidas entre as sociedades e os elementos naturais envolvidos nos processos produtivos.

No centro dessa discussão podemos dizer que, mesmo considerando que nossa capacidade de produção de alimentos e insumos (produtivos e de consumo) é suficiente, a mesma continua insistentemente sendo questionada. Isto se deve à incapacidade de tornar os processos produtivos ditos “modernos” em lógicas sustentáveis e justas para com toda a sociedade demandante de alimentos e outros produtos necessários para o “bem viver” global.

No IX Congresso Brasileiro de Agroecologia - CBA, que ocorrerá de 28 de setembro a 1º de outubro de 2015, buscamos destacar essas limitações multidimensionais causadas pelo atual modelo agroindustrial (com consequências nas mais variadas dimensões ambientais e humanas). Pretende-se também refletir profundamente sobre esse modelo de controle e desigualdade social. Porém, o intuito maior é revelar as mais variadas lógicas produtivas, bem mais sustentáveis e concebidas por camponeses contemporâneos, além de o apoio via organizações e instituições governamentais e não governamentais.

Trata-se da construção de diversas formas de se relacionar com a natureza, sem desmerecer sua diversidade e peculiaridade regional, além de garantir, em outras bases

metodológicas e tecnológicas, alimentos mais saudáveis para as populações envolvidas.

Uma seção de apresentação de estudos no IX CBA, intitulada “Sistemas de Produção Agroecológica”, proporcionará ao público um momento rico de reflexão para além da academia. A valorização de metodologias e tecnologias sociais que vêm sendo implementadas em todo o território nacional (e internacional) ajudará no apontamento de alternativas concretas para a consolidação de uma agricultura mais adaptada, resiliente e respeitosa com a natureza e sociedades rural e urbana. Para tanto, concebe-se como agriculturas sustentáveis as lógicas produtivas (agropecuárias, agroextrativistas etc.) mais diversificadas, adaptadas aos contextos locais e capazes de manter a autonomia de decisão e escolhas das famílias responsáveis pela produção de alimentos.

Convocamos a todos os interessados a participar dessa construção, no IX CBA. As inscrições continuam abertas. Serão dias em que teremos momentos de: a) denúncias consequentes da insustentabilidade do atual modelo agroindustrial; b) resistência (resiliência) das lógicas familiares, no sentido de se manterem sustentáveis e viáveis ainda na marginalidade da maioria das políticas públicas e; c) proposições sobre os rumos da agricultura e da sociedade brasileira.

Um dos ingredientes particulares dessa edição do CBA deverá ser o meio amazônico, com suas inúmeras experiências na relação com a natureza e povos.

ASSOCIE-SE À ABA (Associação Brasileira de Agroecologia) - www.aba-agroecologia.org.br

A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS E JUSTOS



■ Comunidade Agroextrativista Pirocaba, em Abaetetuba (PA)

■ Comunidade Agroextrativista Pirocaba, em Abaetetuba (PA)

O veneno está na mesa

IX CBA, OS AGROTÓXICOS, OS TRANSGÊNICOS E A REAÇÃO DA SOCIEDADE

Desde 2008 o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de uso de agrotóxicos. Aqui, a taxa de consumo tem sido o dobro da verificada no planeta como um todo. Resulta que, segundo o Dossiê Abrasco, 70% dos alimentos in natura consumidos no País estão contaminados por agrotóxicos. Destaca-se o glifosato, veneno mais utilizado no Brasil.

Classificado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) como de baixa toxicidade, o glifosato vem sendo apontado como cancerígeno pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca) e Agência Internacional de Pesquisas do Câncer da Organização Mundial de Saúde (Iarc).

É de enorme relevância o fato de que este agrotóxico tem sido constatado no sangue e no leite materno de pessoas que não trabalham na agricultura, caracterizando a dimensão alcançada pelo problema básico: o veneno está na mesa e suas implicações são enormes.

Os agrotóxicos, que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) são responsáveis a cada ano por 70 mil intoxicações agudas e crônicas nos países em desenvolvimento, apresentam expansão associada ao avanço das lavouras transgênicas, sendo que no Brasil sua maior expressão está nas lavouras de soja, milho e algodão, onde são aplicados 65% do total. A utilização dos agrotóxicos cresce de forma especialmente acelerada desde a aprovação da lei nacional de biossegurança, sen-

do alarmante a escassa atenção das agências reguladoras a esta associação entre transgênicos e agrotóxicos, bem como suas implicações óbvias sobre a saúde humana e ambiental.

Reagindo a estes fatos, a sociedade vem se organizando em iniciativas do Ministério Público, da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (ASPTA), da Terra de Direitos, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) e da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), que, entre outros, vêm se expressando de forma isolada ou articulada por meio de entidades como a Via Campesina, a Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida e a Articulação Nacional de Agroecologia, entre outras.

Atenta a isto, a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) convidou esses e outros protagonistas para a realização de atividades conjuntas e abertas a todos os interessados durante o IX CBA. Pretende-se estimular processos de articulação entre formas de luta que se opõem a um modelo de desenvolvimento subalterno e dependente que, no interesse de ganhos de curto prazo, concentrados em pequeno número de organizações e seus aliados, ameaça a saúde da população e do território nacional, comprometendo nossa qualidade de vida e possibilidades de desenvolvimento futuro.

Convidamos todos a participarem, nos dias 29 e 30 de

setembro de 2015, das mesas-redondas e rodas de debates sobre agrotóxicos e transgênicos, quando a ABA e os participantes do IX CBA estabelecerão novo momento nos debates e nas iniciativas para enfrentamento dessas questões. Estão previstos lançamentos de livros e ampliação da participação brasileira em articulação sul-americana através da Unión de Científicos Comprometidos con la Sociedad y la Naturaleza de América Latina.

Entenda

O glifosato se destaca entre os agrotóxicos consumidos no Brasil, maior mercado global desses venenos. Classificado como de baixa toxicidade pela Anvisa, o agrotóxico é apontado como cancerígeno pela OMS e pelo Inca. Este herbicida tem sido encontrado nos alimentos, nas águas superficiais e subterrâneas e até no leite materno, com implicações óbvias para a saúde. A explosão em seu uso decorre do avanço das lavouras transgênicas, sendo que as agências reguladoras fazem pouco caso dos fatos acima referidos. Reagindo a isso, a sociedade vem construindo formas de enfrentamento, que se concretizam em ações da Via Campesina, do Fórum Nacional de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva e da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida, entre outros.

Fonte: IBAMA - Boletim 2013 - Os dez ingredientes ativos mais vendidos no Brasil



■ Saiba mais no link <http://www.contraosagrototoxicos.org/>



■ Comunidade Santa Maria, em Santo Antonio do Tauá (PA)



■ Comunidade Remédios, em Santo Antonio do Tauá (PA)





■ Comunidade Santa Maria, em Santo Antonio do Tauá (PA)

Construção do conhecimento em agroecologia

Agroecologia se apresenta como alternativa à lógica cartesiana e difusionista da ciência moderna, numa estratégia horizontal e dialógica de construção do conhecimento, reconhecendo e respeitando o saber empírico e tradicional dos agricultores e agricultoras, conjugando-os com o conhecimento técnico e acadêmico atual.

Esse processo de construção coletiva, com diálogos entre teoria e prática, vem se dando há quase uma década. Tal iniciativa faz parte da rotina de reflexão e das ações da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e Associação Brasileira de Agroecologia

(ABA), numa tentativa de viabilizar experiências exitosas concebidas pelas lógicas familiares de produção. Essas iniciativas têm partido tanto de ações em parceria com organizações governamentais e não governamentais, quanto pelos próprios agricultores. O princípio básico desse processo tem sido o reconhecimento do valor que têm os saberes locais e tradicionais, bem como a busca de mecanismos que valorizem e tornem públicos tais proposições no rumo da sustentabilidade.

Nos últimos anos, a incorporação de preceitos metodológicos inovadores nas principais políticas públicas de desenvolvimento rural, como

a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e, mais recentemente, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), vem reforçando o caráter de articulação dessas diversas formas de conhecimento como estratégia de caminhar rumo a uma sociedade mais sustentável.

Também como resultado do estímulo dado pela PNAPO, temos hoje um expressivo aumento das experiências que articulam ensino-pesquisa-extensão na construção do conhecimento em agroecologia. Estas experiências têm lugar nos diversos núcleos e redes de núcleos de agroecologia espalhados por todo

o Brasil, que dialogam com a realidade e os diferentes atores locais no desenvolvimento de processos e práticas baseados nos princípios e dimensões da Agroecologia.

Como forma de agrupar, socializar e analisar os avanços do processo de construção do conhecimento desenvolvidos pelos núcleos e redes de núcleos em Agroecologia, o IX Congresso Brasileiro de Agroecologia, em Belém, Pará, dá lugar e visibilidade a estas experiências. Desta forma, o IX CBA se constituirá num espaço impar onde estudantes, agentes de Ater, camponeses e pesquisadores poderão apresentar e intercambiar os resultados acumulados nos

últimos dois anos e as inovações desenvolvidas a partir da estratégia de construção do conhecimento, baseada no protagonismo dos atores que constroem a agroecologia no Brasil.

Para tal, diversos espaços foram pensados, como o Tapirí de Saberes (uma inovação na apresentação dos tradicionais pôsteres), o Tapirí Cultural, Rodas de Conversas, Feira de Saberes e Sabores, diversos espaços que farão as denúncias, anúncios e as resistências na temática da agroecologia, bem como um espaço que discutirá especificamente sobre a “construção do conhecimento em Agroecologia”.

Espaço de denúncias, resistências e proposições

TEMAS E DIÁLOGOS PROPOSTOS PARA O IX CBA: DIVERSIDADE E SOBERANIA NA CONSTRUÇÃO DO “BEM VIVER”

A proposta do tema central do IX CBA é de incorporar elementos que realçam a relevância da agroecologia como uma opção viável para superar o momento de múltiplas crises, em situações distintas, lançando mão de estratégias associadas às suas dimensões técnico-produtiva, ecológica, econômica, social, cultural e política, de forma integrada.

Para tanto, a concepção do evento nas diversas atividades e espaços programados se concentra em três momentos - denúncias, resistências e proposições - para oferecer condições favoráveis à plena expressão do espírito do tema central.

No debate concentrado nos espaços de exposição, debate de estudos acadêmicos e relatos de experiências, teremos oito seções temáticas:

1. Sociobiodiversidade e Território - orientado por temas como: Populações e

comunidades tradicionais; Práticas tradicionais de produção agroextrativista (saberes); Reconhecimento dos territórios dos povos e comunidades tradicionais; Respeito às culturas tradicionais; Agroecologia sob os milenares olhares dos povos indígenas; Conflitos e impactos agrossocioambientais e agrários dos grandes empreendimentos.

2. Estratégias de Desenvolvimento Socioeconômico - orientado por temas como: Abastecimento e construção de mercados e circuitos curtos de comercialização; Financiamento da produção agroecológica; Autonomia versus dependência; Economia solidária; Valoração de produtos agroecológicos.

3. Sistemas de Produção Agroecológica - orientado por temas como: Integração entre componentes vegetais e animais; Animais silvestres; Lógicas urbanas de produção de alimentos; Produção orgâ-

nica e certificação; Homeopatia; Saúde animal; Comportamento e bem estar-animal; Manejos sustentáveis de solos e água.

4. Gênero e Agroecologia - orientado por temas como: Feminismo e agroecologia; Gênero e sexualidade; Políticas públicas e gênero; Protagonismo das mulheres e jovens na agroecologia.

5. Construção do Conhecimento Agroecológico - orientado por temas como: Educação do campo; Educação em agroecologia; Metodologias para a transição agroecológica para ATER/PNATER; Tecnologias sociais para a agricultura familiar; Articulação ensino-pesquisa -ATER; Juventude camponesa; Movimentos estudantis e sociais.

6. Políticas Públicas - orientado por temas como: Reforma agrária; PNAPO; PNATER; Mercados institucionais; Legislação ambiental brasileira.

7. Saúde e Consumo - orientado por temas como: Agrotóxicos e seus impactos; Consumo sustentável; Organismos geneticamente modificados; Normas sanitárias para produção e processamento.

8. Biodiversidade e Bens Comuns - orientado por temas como: Conservação da biodiversidade; Acesso e gestão das águas; Sementes da diversidade; Plantas medicinais; Energias; Agroextrativismo.

Do ponto de vista metodológico, os Relatos de Experiências são espaços dedicados às apresentações das experiências realizadas por estudantes, pesquisadores, agricultores e técnicos em geral. Será um espaço privilegiado para a troca de saberes científicos e populares. Já a apresentação de pesquisas no formato de pôsteres e apresentações orais ajudará na socialização e disseminação das pesquisas e experiências diversas.

Além desses espaços e

momentos de socialização, o evento contará com outras formas de diálogos como:

a) Instalações Pedagógicas: cenários que guardam aspectos de uma instalação artística em sua dimensão estética, multiplicidade de suportes utilizados, reproduzindo a atmosfera da realidade debatida.

b) Tapiri Cultural: espaço artístico-cultural reservado para a divulgação de práticas (dança, canto, música, poesia, teatro etc), que valorizem a cultura e o saber.

c) Ciranda Infantil: espaço lúdico dedicado às crianças que participam do IX CBA com suas mães e pais.

d) Construção da Carta Política do evento: processo coletivo de construção de uma síntese reflexiva sobre os principais temas tratados no Congresso com elementos de problematização e fundamentalmente de proposição para o avanço da Agroecologia no Brasil.



■ Comunidade Caripi, em Igarapé-Miri (PA)

Os solos são organismos vivos

SISTEMAS DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICOS: O PAPEL DOS SOLOS

Na perspectiva agroecológica, o solo é um organismo vivo fundamental para o funcionamento do ecossistema terrestre, sendo constituído por elementos orgânicos, minerais e suas relações. Dele provém a maioria dos alimentos que mantêm a sociedade. Mas, vive em permanente mudança, levando milhares de anos para evoluir e manter sua capacidade biológica e função produtiva. Mesmo assim, o modelo agroindustrial contemporâneo desconsidera a complexidade dos solos, tratando-os, na maioria das vezes, como um suporte físico sem vida.

As consequências ligadas à negligência dos processos vivos nos solos são conhecidas por todos, seja pela perda de solos na agricultura ou pelos processos de contaminação dos agroecossistemas envolvidos. Citamos o desmatamento, as atividades agropecuárias em monocultivos e com uso de produtos agroquímicos, a exploração mineral, entre outras práticas, sem um manejo adequado, para determinadas características ambientais. As consequências dessas lógicas agroindustriais se materializam imediatamente na perda de solos agricultáveis, principalmente, por processos erosivos e/ou contaminação (Figuras 1 e 2).

A degradação do solo é reconhecida como componente de risco para manutenção da vida no planeta. Registros históricos mostram que o uso inadequado dos solos, através das lógicas produtivas não adaptadas aos ecossistemas específicos, foi uma das causas da queda de muitas civilizações. Esses registros históricos e os diversos fenômenos climáticos recentes, que são apontados como indicativos de desequilíbrio global, mostram que é urgente a mudança profunda na relação do homem com a natureza, em especial o solo e a água, para garantir a sobrevivência das futuras gerações e a capacidade reprodutiva do planeta.

Diante deste cenário e com a finalidade de mobilizar a sociedade para a importância dos solos como parte fundamental do meio ambiente e os perigos que envolvem a degradação deles em todo o mundo, a Organização das Nações Unidas (ONU), através da Food and Agricultural Organization (FAO), decretou 2015 como o Ano Internacional dos Solos e o dia 5 de Dezembro de 2015 como o Dia Mundial

do Solo.

Um manejo sadio é aquele que estimula que os organismos do solo se desenvolvam todo o tempo, pois são eles que mobilizam os nutrientes e os disponibilizam para as plantas. Assim, práticas de manejo sadio dos solos devem ser desenvolvidas junto com as comunidades rurais, de forma que cientistas e agricultores compreendam melhor como os processos ecológicos que potencializam a vida no solo funcionam na prática. Construir estratégias com os agricultores, valorizar seus saberes e contribuir para sua ampliação é uma forma de melhorar a sua autoestima (Primavesi, 2008).

Ademais, o aumento da população implica em maior demanda por alimentos e biodiversidade natural. Contudo, a precária infraestrutura, a escassez de políticas públicas de apoio aos agricultores e os impactos ambientais causados pelo manejo convencional do solo são indicativos da necessidade da construção de sistemas alternativos de produção baseados em princípios da conservação dos processos naturais, que promovam a boa qualidade do solo, a segurança alimentar e que estejam em consonância com as realidades dos agricultores. Nesse contexto, a Agroecologia se propõe como uma ciência que pode guiar a construção de alternativas, lançando mão de conhecimentos ecológicos modernos, populares e tradicionais.

A expressão manejo sadio do solo remete ao fato de que na agroecologia o solo é considerado um organismo vivo que interage dinamicamente com a biodiversidade para reproduzir a vida (Petersen, 2008). E como organismo vivo, os sistemas de produção agroecológicos para manejo do solo (Figura 3) são orientados para promover a saúde dos mesmos e a qualidade dos alimentos. Além disso, são sistemas fundamentados em conhecimentos praticados por algumas culturas antigas em todo o mundo e pelas comunidades que vivem em contato mais harmonioso com a natureza.

Em síntese, o IX CBA também traz a reflexão acadêmica dos solos como organismos vivos e, contando com dezenas de trabalhos científicos, se propõe a fazer um debate profundo sobre os pontos aqui explicitados. Participe você também dessa construção coletiva.



Comunidade Pirocaba, em Abaetetuba (PA)

Referências

- ALCÂNTARA F. A.; MADEIRA, N. R. Manejo do solo no sistema de produção orgânico de hortaliças. Circular técnica, 64. Embrapa Hortaliças. Brasília, DF, 2008, 12 p.
- PETERSEN, P. Manejo sadio dos solos. *Agriculturas. solos*, Rio de Janeiro, v.5, n.3, set. 2008. Disponível em: <<http://agricultura.leisa.info>>. Acesso em: jul. 2009.
- PRIMAVESI, A. M. Agroecologia e manejo do solo. *Revista Agriculturas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p.7-10, setembro. 2008. Disponível em: <<http://agricultura.leisa.info>>. Acesso em: jul. 2009.



Ciência a serviço da agroecologia

DO SUL AO NORTE DO PAÍS: A TRAJETÓRIA DESAFIADORA DOS CONGRESSOS BRASILEIROS DE AGROECOLOGIA

Os Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBAs) são organizados pela Associação Brasileira de Agroecologia e são espaços para apresentação de trabalhos científicos e debates conceituais, técnicos e políticos sobre as diferentes dimensões da Agroecologia. Os CBAs fazem parte de um processo histórico dos movimentos que lutam pela agricultura agroecológica no Brasil.

O primeiro CBA foi realizado em Porto Alegre (RS) em novembro de 2003. Naquele momento, no Rio Grande do Sul, havia uma conjunção particularmente favorável que propiciou a realização do CBA, com grande integração entre os movimentos sociais, academia, extensão rural, dentre outros setores, e apoio governamental. O II CBA no ano seguinte também foi realizado em Porto Alegre. O I e II congressos foram realizados junto com IV Seminário Internacional sobre Agroecologia e o V Seminário Estadual sobre Agroecologia.

No II CBA foi criada a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA Agroecologia), que desde o seu nascedouro integra a Articulação Nacional de

Agroecologia (ANA). A partir de sua criação, a ABA passou a promover os CBAs sempre em parceria com instituições de ensino, pesquisa e extensão rural, ONGs e organizações dos trabalhadores dos estados que sediam os congressos, mobilizados pelos sócios da associação, com o apoio dos governos dos estados e da federação. O IV CBA foi promovido em conjunto com o II Congresso Latino-Americano de Agroecologia em parceria da ABA com a Sociedade Latino-Americana de Agroecologia (Socla). Conforme mostra o Quadro 1, após sua fase inicial centrada na região Sul o CBA vem sendo realizado em outras regiões, já tendo ocorrido nas regiões Sudeste e Nordeste, garantindo assim o exercício de seu caráter nacional.

Até a sua quinta edição, a periodicidade dos CBAs foi anual, passando a ser bianual a partir de 2007. Ao longo dos doze anos de realização, os CBAs têm atraído um elevado número de participantes e de apresentação de trabalhos e discutido temas variados, expressando a evolução da agroecologia em termos globais e nacionais, bem como o perfil da região e dos grupos que os abriga. O IX CBA,

o primeiro a ocorrer em território amazônico, terá como tema Diversidade e soberania na construção do bem viver. O tema faz emergir elementos que caracterizam essa região e que, também, são relevantes às demais regiões brasileiras e à América Latina.

O IX CBA ocorrerá no Centro de Convenções do Hangar em Belém (PA) e terá sua programação organizada em três momentos - denúncias, resistências e proposições - e abrangerá oito eixos temáticos: 1. Sociobiodiversidade e Território; 2. Estratégias de Desenvolvimento Socioeconômico; 3. Sistemas de Produção Agroecológica; 4. Gênero e Agroecologia; 5. Construção do Conhecimento Agroecológico; 6. Políticas Públicas; 7. Saúde e Consumo; e 8. Biodiversidade e Bens Comuns. Informações sobre o evento estão disponíveis em www.cbagroecologia.org.br.

Os artigos e relatos de experiências a serem apresentados de forma oral ou em pôsteres serão publicados, como vem ocorrendo em edições anteriores, nos Cadernos de Agroecologia, um dos veículos de publicação da ABA Agroecologia.



Conheça a FASE

Há mais de 50 anos transformando o Brasil

A FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional é uma das ONGs mais antigas e respeitadas do Brasil. Justiça Ambiental, Soberania Alimentar, Direito à Cidade e Direito das Mulheres são as suas principais causas. Criada em 1961, seu objetivo

é contribuir para a construção de um modelo de desenvolvimento do Brasil que respeite os direitos humanos, o meio ambiente e que promova a democracia e a solidariedade. Desde a sua origem, esteve comprometida com essa missão.

Nos anos 70, a FASE participou da resistência à ditadura e da formação das oposições sindicais e dos movimentos comunitários. Nos anos 80, esteve na linha de frente das mobilizações que levaram à Anistia, à Constituinte e às eleições diretas. Na década

seguinte, se concentrou em criar metodologias educativas para o controle e participação popular, com ênfase na defesa do meio ambiente e dos direitos das mulheres.

Neste início de século, coloca todas essas experiências, grupos e metodologias em

rede para aumentar suas capacidades de transformação. Além disso, através do fundo de apoio a pequenos projetos, a FASE contribui com inúmeros grupos populares, principalmente os formados por mulheres, quilombolas, produtores rurais, jovens, dentre outros.



SEJA UM(A) DOADOR(A) FASE. ACESSE: [HTTP://WWW.FASE.ORG.BR/CAMPANHA/](http://WWW.FASE.ORG.BR/CAMPANHA/)